

# SETE CATEGORIAS DE PERGUNTAS E A INTERPRETAÇÃO DE FONTES HISTÓRICAS NO PRIMEIRO GRAU

Sandra Regina Ferreira de Oliveira\*

---

**Resumo:** *O artigo busca discutir uma forma construtivista de se trabalhar com História no primeiro grau. Apresenta uma análise de como sete perguntas básicas (quem, onde, quando, por que, o que, para que e como) podem auxiliar o processo de relacionamento e construção de aprendizagem entre professores e alunos.*

**Palavras chaves:** *aprendizagem, ensino, conhecimento, história, metodologia.*

---

## Introdução

*“O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias.”*

*João Ubaldo Ribeiro*

Comparado aos animais, que não armazenam bagagem cultural, o animal homem transmite de geração em geração o seu aprendizado. Este fato é de beleza ímpar. Olhando para um recém-nascido que acaba de chegar ao nosso mundo, é como se pudéssemos dizer-lhe: “olha o que nós, e todos os que vieram antes, não sabemos nem ao certo há quanto tempo, preparamos para você”. Isto transforma a humanidade em elos permanentes e contínuos e nos permite fazer História.

---

\* Professora do IEIJ - Instituto de Educação Infanto-Juvenil de Londrina e da Rede Estadual de Ensino - PR. Mestranda em Educação pela UNESP - Campus Marília.

O grande desafio do professor de História de 1º e 2º graus tem sido levar o aluno a perceber o estudo de História como um processo dinâmico de ligação entre o passado e o presente, um diálogo no tempo indispensável para buscar nossa identidade.

Em certa ocasião, dialogando com alunos de 8ª série - 13/14 anos, sobre a importância de estudar História, obtive a seguinte resposta do grupo: *caso não tivéssemos aprendido a ler, escrever e a contar, teríamos incríveis dificuldades de sobrevivência atualmente. O mesmo podemos dizer caso não aprendêssemos regras básicas de higiene, a lidar com alguns produtos perigosos, a seguir a orientação de um mapa, etc.. A escola nos dá elementos necessários a nossa sobrevivência em grupo. Mas, o que seria diferente em nossas vidas hoje, falando em sobrevivência, se não soubéssemos a respeito de Pedro Álvares Cabral ou da Colonização Portuguesa no Brasil?*<sup>1</sup>

Tal afirmação não sobreviveria ao primeiro questionamento. Contudo, é interessante deixar fermentar a dúvida. Comparada a outras disciplinas, a História, enquanto útil, tem seu significado claro e explícito para os intelectuais. Mas, grande parte da sociedade não é formada por intelectuais. Façamos uma enquete a alunos de 5ª à 8ª série : levando em consideração as necessidades de sobrevivência nesta sociedade, qual disciplina você acharia dispensável no ensino de 1º grau? Podemos nos surpreender com a resposta.

A conclusão elaborada pelo grupo de alunos relatado acima, tem muita relação com o tipo de História que, geralmente, se trabalha.

Atualmente, crítica-se um ensino voltado somente para o passado, para mitos e heróis; propõem-se trabalhar com o presente, levando o aluno a se situar como sujeito histórico e depois levá-lo a interpretar o passado. Não posso negar que a prática do ensino de História teve um significativo

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, S.R.F. *Formação do conceito de História*. 1997. (mimeo)

avanço nos últimos anos. Mas, também não posso deixar de constatar que ainda persistem questões básicas a serem respondidas.

Este ensaio pretende discutir como trabalhar o ensino de História, de forma construtivista, em que aluno e professor estabeleçam um diálogo entre si e com as fontes de pesquisas, em que a História passe a ter importância na vida de ambos.

O texto está dividido em partes: na primeira farei uma rápida abordagem sobre as diferentes concepções a respeito da aprendizagem. Sem determinar qual a sua concepção de aprendizagem, o professor não conseguirá estabelecer uma metodologia para desenvolver seus trabalhos. Na segunda, procurei discutir, de forma bastante resumida, o que é necessário para que o aluno possa construir seu aprendizado em História. Na terceira abordei o ensino através de perguntas: o que estabelece este método e como ele pode nos auxiliar em um ensino de História numa proposta construtivista? A última parte do texto, a interpretação de fontes históricas no 1º grau, tratará da aplicação do método por perguntas na disciplina de História.

## 1 - Como o indivíduo aprende?

Existem três concepções diferentes para compreendermos o processo de aprendizagem. Todo professor deveria questionar-se : **como meu aluno aprende?** Eis algumas teorias sobre este assunto:

**Professor apriorista** - acredita que o conhecimento está no sujeito, é inato. A aprendizagem acontece pelo contato do sujeito como o meio. Basta ouvir, ler ou ver para que o indivíduo aprenda.

**Professor empirista** - o conhecimento está na experiência concreta, vem de fora. A aprendizagem acontece porque o

sujeito recebe informações do meio através das experiências e somente isto é necessário para que ocorra a aprendizagem.

**Professor interacionista ou construtivista** - o conhecimento está no diálogo entre o sujeito e o meio. A aprendizagem ocorre através das respostas que o sujeito recebe e dá ao meio. Para ocorrer aprendizagem é necessário um constante interagir entre o sujeito e o meio.<sup>2</sup>

Baseando-me na proposta interacionista, tracei os caminhos deste trabalho.

Neste contexto, o trabalho a ser discutido neste texto tem por objetivo fazer com que o aluno busque um diálogo com as fontes de pesquisas e que estas fontes forneçam respostas para o sujeito de forma que se estabeleça um diálogo entre o sujeito e o meio. Procurei trazer para discussão um método de trabalho bem simples, possível de ser aplicado em qualquer lugar, com qualquer material, em qualquer disciplina.

Sabendo que tipo de ensino-aprendizagem quero desenvolver com meus alunos resta uma nova pergunta: quais são os elementos cognitivos necessários para que meu aluno possa construir sua aprendizagem em História?

## **2 - Os pré-requisitos cognitivos para a construção do conhecimento em História.**

Parto do pressuposto de que devem existir alguns pré-requisitos cognitivos para que o aprendizado de História possa ocorrer. Assim como para efetuar uma operação matemática, a criança deve ter conservação da quantidade, estabelecer relações de inclusões de classe, seriar e ordenar. A operação é resultado de todo esse aprendizado. Para ler e escrever a criança percorre todo um caminho de hipóteses para tentar entender o modelo convencional de escrita. Creio que também

---

<sup>2</sup> Existe ampla bibliografia a respeito. Entre elas: BECKER, 1996 e PIAGET, 1987

exista um processo para o aprendizado em História.<sup>3</sup>

Pesquisa com crianças de 3 a 12 anos, como este conhecimento vai sendo formado: quando e como é construída a noção de família, cidade? Quando e como o indivíduo se percebe parte integrante deste mundo? Quando e como o indivíduo percebe que o passado está dentro do presente e que estes formam o futuro? Quando e como o indivíduo começa a reconhecer símbolos sociais e dar significados convencionados pela sociedade a estes símbolos? Esses estudos já estão sendo realizados em grande parte por pesquisadores espanhóis e algumas questões já foram colocadas em discussão no livro “Construir e Ensinar as Ciências Sociais e a História”<sup>4</sup>. Segundo Mário Carretero, na Espanha e Argentina, várias pesquisas vêm sendo desenvolvidas na tentativa de buscar respostas para estas e outras questões tocantes ao ensino de História.

Quando falo em História, é importante salientar, estou tratando do estudo do homem através dos tempos. De tentar entender como viviam e pensavam outras pessoas em outros lugares, de estabelecer relações de causas e efeitos entre os fenômenos sociais. Não estou tratando da História baseada no presentismo. Seria reduzir a um nível bastante baixo em relação à capacidade de compreensão de nossos alunos, acreditar que devemos somente estudar o presente para que os alunos construam o seu aprendizado em História. É evidente que, deve-se partir sempre da realidade para interpretar o passado, mas, isto será sempre possível? E quando não for possível fazer esta ponte?

Acredito que, para pensarmos o ensino de História, como um processo de aprendizagem construído pelo aluno, alguns questionamentos são de fundamental importância.

---

<sup>3</sup> Para aprofundar-se sobre o assunto da construção do conhecimento em Matemática, Leitura e Escrita, o leitor pode procurar pelos livros de Constance Kammi e Emília Ferreira, respectivamente.

<sup>4</sup> CARRETERO, 1997.

Perguntas como: **quem? O quê? Como? Por quê? Para quê? Onde? Quando?** permeiam toda a interpretação histórica. O que significa cada uma dessas perguntas para os alunos?

Trabalhando com crianças pequenas, percebemos que elas não trabalham com todas essas questões ao mesmo tempo. A primeira a ser compreendida é o quem. Quando perguntamos a crianças de 1 ano e 10 meses a 2 anos e 04 meses, aproximadamente, quem fez algo a ela, ela responderá sempre que **alguém ou algo** realizou a ação. Esse alguém pode ser o irmão, o cachorro ou a perna da mesa, mas **alguém** fez algo. Perguntando **quando** para esta mesma criança, ela responderá palavras sem relação nenhuma com o **tempo**. Depois ela vai compreendendo as outras perguntas, mas o **onde** e o **quando** ficarão para bem mais tarde. Quando começa a formular respostas para estas perguntas, geralmente por volta de 2 anos e 8 meses, ela o faz mais por conhecimento social já armazenado do que por conhecimento do tempo. Por exemplo, ao ser indagada de quando aconteceu determinado fato, ela responde “dez para duas”, “quinta-feira”, etc.. mesmo que o acontecimento em questão tenha acontecido há poucos minutos. Ela já percebe que existe uma contagem deste tempo representado por horas e dias da semana (será que já há entendimento da divisão do tempo?)<sup>5</sup>

A noção de tempo histórico é um dos principais problemas para a compreensão da História como processo. Algumas pesquisas foram e vêm sendo desenvolvidas a respeito<sup>6</sup>. A incapacidade de dialogar com sociedades fora de seu tempo e seu espaço, leva a criança, principalmente as de 5ª série do primeiro grau a interpretar a História como uma série de fatos isolados, sem nenhuma ligação.

---

<sup>5</sup> Essa pesquisa vem sendo realizada como parte do meu projeto de Mestrado em Educação, UNESP - Campus Marília.

<sup>6</sup> CARRETERO, M. 1997

Concluindo. Para construir sua aprendizagem em História, acredito que é necessária a compreensão de todas as questões descritas acima. Pesquisas podem ser feitas para compreendermos a construção de cada uma delas. Sem entender como a criança estabelece o diálogo entre essas questões, primeiro consigo, depois com o meio a sua volta e por último com o tempo - passado, presente e futuro - é impossível falar em construção de conhecimento em História.

### **3 - A construção do conhecimento através do método de perguntas.**

Sócrates acreditava que todo sujeito tinha o conhecimento dentro de si. Seu método, a maiêutica, buscava levar o indivíduo a tirar de dentro de si o conhecimento. Era o parto das idéias. Não pensava que um homem pudesse ensinar algo a outro. Através de seus questionamentos famosos, levava o interrogado a perceber suas incapacidades e a partir daí reelaborar seus pensamentos, de forma verdadeira, verdade esta que sempre estava dentro do indivíduo. O diálogo era fundamental neste processo. A visão de Sócrates para a aprendizagem era extremamente apriorista.

Para Jean Piaget, epistemólogo de nosso século, o conhecimento é construído pelo sujeito mas isto só é possível através da interação do sujeito com o meio. Quanto mais o sujeito conhecer a si mesmo, mais poderá interferir e receber respostas do meio; quanto mais receber respostas do meio, mais conhecerá a si mesmo. *“Utilizando os recursos da Filosofia, mas partindo de um novo ponto de vista - o biológico, Piaget utilizou os recursos das ciências experimentais para investigar a aprendizagem. Utilizando das ferramentas das ciências experimentais e dos conhecimentos da Psicologia, Piaget observa, cria situações, questiona crianças - método clínico, desde seu nascimento até a adolescência e consegue elaborar uma teoria experimental, porém, “do lado de fora” da aprendizagem do ser humano.*

*Como todos os seres vivos, o ser humano tende para a “assimilação”, isto é, a viver bem, sem modificar-se. É o meio que provoca situações que abalam esta “paz” dos seres vivos. Diante dos desafios do meio, o sujeito, para adaptar-se, modifica, aprende. E assim sucessivamente.*

*Este processo chama-se **equilibração**: sujeito em equilíbrio - meio desafiador - sujeito tentando resolver a situação sem modificar-se (assimilação) - sujeito em desequilíbrio - sujeito modificando-se (acomodação) - sujeito modificado, em novo estado de equilíbrio.<sup>7</sup>*

A diferença entre Sócrates e Piaget reside no primeiro em acreditar que o conhecimento está dentro do sujeito e basta colocá-lo para fora, para o segundo o conhecimento é uma construção contínua, no interior do sujeito e na relação que este estabelece com o meio.

A contribuição de Sócrates e Piaget para este trabalho, guardando as devidas proporções, é que ambos, apesar das diferenças significativas, utilizam o questionamento como um dos recursos possíveis para favorecer a aprendizagem. Para Piaget esse diálogo é entre o eu assimilador e o eu acomodador, buscando a **equilibração** como resposta para as necessidades impostas pelo meio.

Em uma proposta de ensino construtivista, o professor deverá fazer o constante papel do meio. Ele será encarregado de fazer com que o aluno dialogue com o meio mais externo - a princípio, no concreto com a proximidade dos objetos e pessoas, posteriormente, num plano abstrato - e consigo próprio para a construção do conhecimento.

A aprendizagem através de perguntas e respostas, apesar de bastante criticada nos últimos tempos, tem muitos elementos para levar o aluno a esse diálogo. Alguns pensadores, entre eles, Gaudig, acreditam que “não existe nada mais absurdo do que um professor perguntando algo que ele já sabe para alunos que não sabem nada a respeito do

---

<sup>7</sup> SILVA, 1997.



assunto". (Citado por AEBLI, 1982: 195/213), rebate as afirmações de Gaudig e disserta a respeito das diferentes formas de se perguntar. (idem, IBID).

Entre essas formas diferentes de pergunta, Aebli defende a pergunta didática, baseada na organização do pensamento. Frente a uma série de fatos ou informações novas, o aluno não tem condições de organizá-los de forma a retirar o melhor possível para si. Nesta abordagem a pergunta formulada pelo professor teria por objetivo solicitar que os alunos retirem informações sobre coisas que lhes são desconhecidas ou então lhe passariam despercebidas.

Cada capacidade perceptiva corresponde a um ponto de vista, podemos dizer também que cada pergunta solicita que o aluno faça uma determinada atividade sobre o objeto.

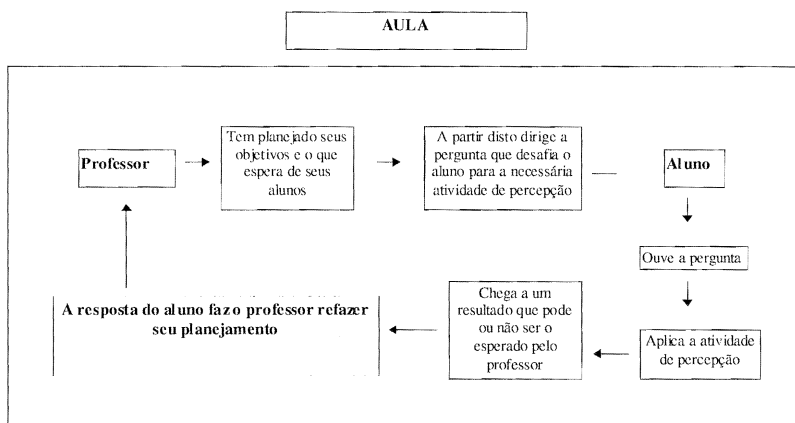
Poderíamos trabalhar com sete categorias de perguntas:<sup>8</sup>

<b>PERGUNTA</b>	<b>OBJETIVO</b>
QUEM ?	Identificação de sujeitos
QUANDO ?	Temporalidade
ONDE ?	Espacialidade
O QUÊ ?	Descrição do que aconteceu
POR QUÊ?	Razões/Causas
COMO ?	Desenrolar do acontecimento, do processo, do discurso.
PARA QUÊ ?	Efeito/Conseqüências? Objetivos.

O ensino através das perguntas por categoria leva o aluno a buscar respostas que poderão nortear novas hipóteses que conseqüentemente levarão a novas perguntas e assim

<sup>8</sup> Adaptado de AEBLI, 1982 : 198

sucessivamente. A vantagem de se trabalhar com as perguntas por categorias é a possibilidade de se estabelecer como resposta uma gama de interpretações que muitas vezes, passariam despercebidas pelo professor. Poderíamos representar este diálogo da seguinte forma<sup>9</sup> :



Após a última etapa, representada pelo número 8, o ciclo recomeça. Tal quadro demonstra que o diálogo entre o professor e o aluno será sempre mediado por duas variáveis: de um lado, o que o professor espera, de outro, como o aluno responde a esta expectativa. Ao levar em consideração as respostas formuladas pelos seus alunos e refazer suas metas a partir destas, o professor estará possibilitando a este aluno uma reconstrução, sempre em um nível mais elevado de seus conhecimentos.

Podemos perceber através do diagrama acima que , dependendo da forma como a pergunta é elaborada e colocada, ela pode se transformar em um grande desafio e em grande interação e diálogo entre aluno/professor, aluno/aluno e aluno e meio.

<sup>9</sup> O gráfico foi reformulado a partir da adaptação de AEBLI, 1982 : 199.

**Este tipo de trabalho pretende gerar alunos autônomos, que por si mesmos explorem sua capacidade intelectual.** Mesmo que as respostas a princípio sejam fracas, o professor deve insistir para que o aluno busque elaborar e dialogar mais consigo mesmo e com o meio. Isto é pensar.

#### **4 - A interpretação de fontes históricas no 1º grau.**

Não pretendo aqui discutir a História que cada professor trabalha no primeiro grau, porém, um adendo faz-se necessário para prosseguirmos nossa discussão.

A incoerência do ensino de História começa pela título, não trabalhamos com a História em sala de aula, , mas sim com Historiografia; não temos historiadores em sala de aula, temos alunos.

A utilização de livros didáticos, entrega nas mãos dos alunos uma “História” já escrita. Mesmo nas versões “mais modernas” tudo já está pronto, até as comparações entre diferentes linhas historiográficas. **O que resta para o aluno construir?**

No primeiro grau, o aluno pode atuar como um investigador da pesquisa realizada pelo historiador. O objetivo da proposta é fazer como que o aluno perceba que ele pode dialogar com as fontes históricas, assim como fez o historiador, que é possível retirar conclusões e que estas conclusões não serão as mesmas para todos do grupo, assim como não são as mesmas para todos os historiadores. Ele poderá construir uma série de hipóteses a respeito, relacionar causas e efeitos, temporalizar, ou seja, raciocinar sobre o assunto em questão.

O professor leva para sala materiais que permitam que o aluno possa atuar como um questionador do próprio historiador. Dá condições para que essa construção seja realizada, e é neste aspecto que as sete categorias de perguntas tornam-se imprescindíveis.

Sendo o sujeito aluno de primeiro grau, sua capacidade de análise será limitada pela sua pouca idade e falta de

cientificidade, pois não é um historiador. Caso o professor pare por aqui, confusão comum quando se fala numa proposta construtivista no ensino de História, perpetua o conhecimento na superfície, não levando o aluno a sair de seu ponto de vista para entender a visão do outro; mesmo a visão de seus colegas ainda é pouco para este trabalho porque é pobre, porque é visão de iguais e entre iguais não fermenta a necessidade de progredir no conhecimento.

O trabalho prossegue dando a este aluno a interpretação de historiadores sobre o tema em questão. Ao confrontar suas idéias e hipóteses, o aluno pode estabelecer um diálogo entre diferentes e tentar interpretar o porquê das diferenças. Neste interpretar a visão do historiador, a construção do ensino de História acontece.

O espaço da sala de aula não é de produção historiográfica, mas sim do estudo dessa historiografia, feito de forma a levar o aluno a identificar que a História é fruto do questionamento e conclusões dos historiadores. Caso o espaço de sala de aula seja confundido com lugar de produção historiográfica, o senso comum imperará e ficará descaracterizada a História como Ciência.

Será através do diálogo com essas fontes que o aluno levantará suas hipóteses. Essas fontes podem ser de caráter mais variado possível: documentos, depoimentos, filmes, gravuras, objetos, músicas, roupas, etc..

Todas as fontes podem ser analisadas através das sete categorias de perguntas. Nem todas responderão a todas as categorias e a lacuna também será fonte de questionamento. Por que não responde a questão quando? Discutiria-se a questão da temporalidade. Que elementos temos hoje para descobrir a época de determinada fonte. Não posso descobrir ou não tenho recursos apropriados para fazê-lo?

Através das categorias, o aluno organiza sua interpretação e pode passar para elaborações mais complexas do pensamento.

As sete categorias de perguntas são classificações lógicas que antecedem toda e qualquer abordagem histórico-social, pois permitem um diálogo entre o sujeito e o objeto em questão.

## Conclusão

O trabalho com as categorias de perguntas valoriza a função do professor e a participação do aluno no processo de aprendizagem.

Quero levantar um alerta: atualmente muito se tem discutido a respeito do uso da tecnologia em sala de aula e na busca de novas técnicas de trabalho para melhorar o nível de aprendizagem dos alunos. O conhecimento porém, se constrói no indivíduo e na interação que este faz com o meio. Meios externos ajudam em muito este processo, não podemos ser hipócritas para justificar o contrário, mas uma boa escola tem como principal recurso pedagógico seus professores. São eles que podem transformar **qualquer coisa** em objeto de aprendizagem. O melhor computador está em suas mãos para ser ativado, ou destruído pelo mau uso: as mentes borbulhantes de curiosidade pela vida de nossos alunos.

## Referências Bibliográficas

AEBLI, H. **Prática de ensino**. São Paulo, EDUSP, 1982.

BECKER, F. **A epistemologia do professor - O cotidiano na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARRETERO, M. **Construir e Ensinar as Ciências Sociais e a História**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COLLINGWOOD, R.G. **Idea de la Historia**. México: Fondo de Cultura Económica. 1993.

DELVAL, J. **Crescer e pensar - a construção do conhecimento na Escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ELIAS, N. **Sobre el tiempo**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1989.

PIAGET, J. **O Nascimento da Inteligência na Criança**, Rio de Janeiro: Guanabara, 1987

————— **A Construção do Real na Criança**, São Paulo, Ática. 1996

————— **A Noção de Tempo na Criança**, Rio de Janeiro, Record, 1946.

SILVA, L. L. C. **Metodologia de Aprendizagem Baseada em Jean Piaget**. Londrina: MIMEO, 1997.